REVISITANDO A ARTE DE FIAÇÃO WAUJA: ALGODÃO, BELEZA E SAÚDE

REVISITING WAUJA WIRING ART: COTTON, BEAUTY AND HEALTH

Autaki Waurá [1]

Resumo: Este artigo trata da fiação de algodão na cultura do povo Wauja, um costume cotidiano de atividade da mulher e da adolescente da comunidade Wauja. É uma arte cultural, social e econômica dos Wauja, na região do Xingu, Estado de Mato Grosso. O objetivo deste trabalho é fazer uma etnografia a respeito da prática da fiação de algodão e sua relação com a beleza e saúde na cultura wauja, como forma de revisitar a arte de fiação na minha cultura. Ao longo da pesquisa, busco trazer o reconhecimento do contexto de prática da arte da fiação de algodão, a definição sobre o fenômeno e a condição de uso deste fio de algodão, a partir de narrativas a respeito de enfeite, beleza, saúde e materiais utilizados nessa prática cultural. Nesse sentido, busco refletir sobre o patrimônio material do povo Wauja, procurando construir uma narrativa sobre a importância da (re)construção e manutenção da memória, a partir de relatos orais da fiação de algodão na cultura do povo Wauja. Para construir esta pesquisa, uso como metodologia a realização de entrevistas com pessoas da minha comunidade, que são as fontes de conhecimentos das práticas que apresento neste estudo.

Palavras-chave: A Arte de Fiação Wauja; Algodão; Beleza; Saúde.

Abstract: This article discuss about the spinning of cotton in the culture of the Wauja people, a daily custom of activity for women and teenagers from the Wauja community. It is an cultural, social and economic art of the Wauja, in the Xingu region, State of Mato Grosso. The aim of this study is to make an ethnography about the practice of cotton spinning and its relationship with beauty and health in the wauja culture, as a way to revisit the art of spinning in my culture. Throughout the research, I seek to bring the recognition of the context of the practice of the art of cotton spinning, the definition of the phenomenon and condition of use of this cotton thread, based on narratives regarding ornament, beauty, health and materials used in this practice. In this sense, I seek to reflect on the material heritage of the Wauja people, seeking to build a narrative about the importance of (re) construction and maintenance of memory, based on oral accounts of cotton spinning in the culture of the Wauja people. To build this research, I use as a methodology to conduct interviews with people in my community, who are the sources of knowledge of the practices I present in this study.

Keywords: Beauty; Cotton; Health; The Art of Wauja Spinning.

[1] Mestrando do Programa de Pós-graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Goiás (PPGAS/UFG). Graduado em Educação Intercultural, com habilitação em Ciências da Linguagem, pela Universidade Federal de Goiás (UFG). Professor indígena desde 2006. Atualmente leciona na Escola Indígena Municipal Ulupuwene (aldeia Ulupuwene, Parque Indígena do Xingu), Brasil.

INTRODUÇÃO

Os Wauja são falantes de uma língua pertencente à família Aruak. Habitam a Terra Indígena do Xingu, que possui dois milhões, setecentos e noventa e sete mil, quatrocentos e noventa e um hectares, e está situada no Centro-Oeste, no Estado de Mato Grosso. O povo Wauja se divide em três aldeias, sendo uma denominada aldeia Piyulaga, que fica às margens do Rio Batovi, no município de Gaúcha do Norte, região do Alto Xingu, onde vivem cerca de 370 indivíduos (segundo censo atualizado em 2019); outra se chama Ulupuwene, situada à beira do Rio Batovi/Ulupuene, no município de Gaúcha do Norte e ao sul da região do Alto Xingu, e têm 132 habitantes (segundo censo atualizado em 2019) e a outra se chama Piyulewene, localizada às margens do Rio Carl Von den Steinen, que fica no município de Feliz Natal, na região do Médio Xingu, e tem aproximadamente 32 pessoas (segundo censo atualizado em 2019).

A Terra Indígena do Xingu foi criada e demarcada no ano de 1965, conforme foi citado no livro do Instituto Socioambiental-ISA Almanaque Socioambiental Parque Indígena do Xingu: 50 anos (2011). Neste território tem 16 povos indígenas que ocupam este espaço, eles falam línguas diferentes entre si, assim como os costumes também se diferem (WAURA, 2018. p. 07).

O objetivo deste trabalho é fazer etnografia e apresentar a prática, a arte de saberes epistemológicos da produção do algodão na cultura do povo Wauja. Estudar e conhecer o conceito de estética, da beleza no olhar da sociedade Wauja.

O ayuupe (algodão) e Kuwapixato (fuso) são matéria-prima e ferramenta tradicional das práticas de habilidades manuais e principais materiais na fabricação dos enfeites de danças culturais e na confecção dos objetos de utilizações da vida do povo Wauja. Também, dá constatação da perfeição das cores, das imagens de identidade física e além disso, transforma, mantém o corpo dos/as jovens Wauja bem bonitos. Portanto, esta prática de conhecimento é respeitável na concepção da comunidade Wauja.

Na contemporaneidade, as novas gerações Wauja quase não valorizam o seu próprio trabalho de produção manual de algodão. Elas quase não conhecem o processo de fabricação de fiação de fio de algodão natural. Os jovens não têm mais interesse pelo trabalho de confecção do fio de algodão, devido à grande entrada dos objetos dos não índios na sociedade Wauja. Com esses novos materiais, o povo Wauja os usa em seus enfeites corporais nas danças de rituais, substituindo os seus próprios materiais tradicionais. De um modo geral, apenas as mais velhas da comunidade sabem o processo de fabricação dos objetos como ayuupe (algodão) e kuwapixato (fuso).

No meu estudo, eu pude perceber que cada uns/umas antropólogos/as que visitaram a comunidade Wauja não registraram a prática de produção de algodão do povo Wauja. Eles/as tinham outros interesses e finalidades de estudar na comunidade, não apresentaram as suas preocupações de mudanças culturais locais e apenas relataram e classificaram

o jeito de viver do grupo étnico e interpretando e teorizando a cosmovisão da população Wauja. Apenas usaram o povo com o objeto de estudo experimental durante a sua pesquisa junto com a sociedade local.

Diante destas práticas de mudança e substituição cultural comuns no cotidiano Wauja, o que me despertou o interesse foi pesquisar e documentar esse tema de conhecimento da ancestralidade Wauja, que adquiriram desde os tempos imemoriais. Que nenhum indivíduo não índio ia estudar e ninguém vai entender a importância desta nossa tradição do modo de fabricar os nossos artefatos tradicionais. Além disso, este estudo é importante para revitalizar as práticas de produção deste artefato e enfeite tradicional da comunidade Wauja, e ser posto em forma de escrita no papel, para que os conhecimentos Wauja se tornem visíveis para as sociedades brasileiras.

A própria sociedade Wauja afirma e determina que a sua prática de atividade de produção de algodão natural e o artefato de fuso de fiar são na sua cultura bens materiais do povo Wauja. Considerado as práticas educacionais, os saberes milenares e as aprendizagens de formação social da nova geração Wauja.

> "O conhecimento do povo Wauja explica que as pinturas corporais [e os fios de algodão natural, como os enfeites] são vestimentas tradicionais e, além disso, simbolizam a identidade do nosso povo, ou seja, um patrimônio material da comunidade. Por meio del[es] a sociedade Wauja se pinta, [embeleza o seu corpo] [...], se utiliza e se enfeita nas festas culturais. Também são usad[os] para ornamentar, [fabricar] os objetos tradicionais que pertencem ao povo Wauja. El[es] têm vários sentidos, além de embelezar a feição das pessoas nas festas, nos rituais e nas cerimonias. Cada um del[es] tem a sua própria função expressiva, o seu significado, a sua simbologia e a sua representação na cultura do povo Wauja. Foi assim que a comunidade Wauja entende e interpreta por estas pinturas corporais [e a produção de algodão natural] na sua cultura." (Waura, 2018, p. 19).

A ARTE WAUJA DE FIAÇÃO DE ALGODÃO

A arte de fiação de algodão, na cultura do povo Wauja, tem uma história de origem, que envolve o modo de preparo e, além disso, envolve a beleza e a saúde, sendo um material original do povo Wauja e do Xingu. Segundo a narrativa do povo Wauja, a fiação da arte de algodão é considerada a matéria-prima principal da comunidade indígena Wauja e dos povos indígenas do Xingu. O uso do fio de algodão é um artefato interligado à cultura, ao costume e ao conhecimento do povo Wauja.

Ao longo desta pesquisa, apresento como a arte de fiação de algodão faz parte da identidade e da riqueza cultural do povo Wauja, assim como de outros povos do Xingu, já que fazemos uso dessa arte e valorizamos esse material. É muito importante, portanto, o registro da narração sobre o modo de fabricação do algodão na cultura wauja. Para que esse conhecimento do povo permaneça e seja divulgado para outros povos, indígenas e não indígenas, realizo esta

pesquisa, que faz parte do início da minha investigação de mestrado. Construo esta narração dessa forma, como modo de mostrar como essa arte continua viva e é praticada pela comunidade, ao mesmo tempo em que pesquiso para que as novas gerações tenham conhecimento sobre nossas práticas culturais.

O algodão é uma matéria-prima e tradicional do povo Wauja, sendo um elemento nativo, como o fuso de fiar, pedaço de flecha, areia branca. Esse material foi trazido da natureza e surgiu através do nosso criador Sol e Lua/Kuwamutõ. É importante ressaltar que, na visão indígena, há inúmeras formas de entender a formação do mundo. Essa pluralidade reflete como nós, povos indígenas, somos diversos e carregamos variadas cosmovisões. Como vemos em Lima (2016, p. 84), por exemplo:

> "[...] os mitos [do povo Krahô] contam que no início dos tempos a terra era crua (pjetam), não estava pronta para ser ocupada. [...] os demiurgos criadores pyt e pytwryre, Sol e Lua, que deram origem à primeira mulher, aos animais, ao trabalho na roça, à morte [...]." (LIMA, 2016, p. 84).

A narrativa contada pelo meu povo, no entanto, aponta que, na época de surgimento do povo no mundo, nossos criadores, o Sol e a Lua/Kuwamutõ trouxeram a cultura tradicional e o algodão para minha comunidade. Ao longo dos anos, as matérias-primas utilizadas e o modo de praticar essa arte foram modificados, principalmente devido ao contato da sociedade Wauja com a cultura não indígena. Hoje, portanto, quase não é fabricado e usado o algodão da forma em que nossos antepassados faziam para produzir seu material e seu enfeite na sua cultura de dança e canto. No entanto, o modo de preparo continua sendo realizado pelas comunidades indígenas brasileiras na região do Xingu, no estado do Mato Grosso.

Nas tradições da comunidade Wauja, a fiação de algodão sempre era usada na produção dos materiais culturais para o povo, que são usados, por exemplo, na festa cultural do povo Wauja. Então, a fiação de algodão envolve a beleza (como a confecção de braçadeiras e enfeites) e a saúde da população wauja[2], sendo importante nas cerimônias de danças tradicionais.

Conforme a explicação e o conhecimento do povo Wauja, os jovens da comunidade Wauja aprenderam a fazer os fios de algodão desde pequenos/as juntamente com os avós, até se tornarem adultos/as. Isso é importante porque demonstra a conexão existente entre parentesco, conhecimento técnico e matéria-prima. Como vemos em Dollis [Marubo] (2017, p. 61-62) há uma profunda relação

[2] Na minha comunidade, a prática do uso do algodão é importante para a saúde dos jovens. Rapazes e moças da minha comunidade amarram os fios de algodão nos seus braços, joelhos e tornozelos. Logo em seguida, o pai, a mãe e os avós arranham os braços e pernas para sair sangue. Assim os jovens e as moças vão ter boa saúde e não vão sentir dores nos corpos e pernas. Essa prática também serve para que as pernas das moças e rapazes fiquem grossas, característica que define, dentro da minha cultura, a beleza dos(as) jovens.

entre parentesco, conhecimento técnico e matéria prima na comunidade marubo:

> "As mulheres marubo habilidosas e conhecedoras de seus trabalhos enfatizam que seus conhecimentos lhes foram transmitidos pelas suas avós e mães da forma correta. As mulheres que criam novos artefatos guardam suas descobertas como um grande segredo especial; somente a família da artesã tem acesso a tais descobertas, que poderão ser aprendidas somente por filhas, netas e noras." (DOLLIS [MARUBO], 2017, p. 61-62).

Na minha comunidade, antigamente, as mulheres e os homens praticavam e faziam algodão como matéria-prima. Hoje, não fazem mais fios de algodão, ou seja, atualmente, o algodão quase não é produzido pela comunidade Wauja.

A fiação de algodão é muito importante na cultura wauja, tanto para os povos indígenas brasileiros quanto para outro povo que existente no mundo. Essa matéria-prima pode parecer simples aos olhos do não indígena, mas tem grande importância na cultura do povo Wauja, pois envolve muitas culturas, matérias tradicionais e os conhecimentos, representando a identidade, beleza, saúde, ciência e riqueza do meu povo.

Conforme discute Santos (2017, p. 171), cada objeto tem seus donos, subjetividades, espiritualidades. O autor faz uma boa reflexão da mitologia indígena, esclarecendo sobre este ponto do conhecimento dos povos indígenas. É isso que mantém os artefatos com poderes espirituais na cultura indígena, tanto nos recursos naturais quanto nos animais, aves, os peixes etc. Sempre há uma relação entre matéria-prima e os seres espirituais.

Além disso, é importante destacar que essa prática não é feita sem regras: para fazer a fiação de algodão há regras específicas, ou seja, é preciso utilizar todos os utensílios específicos para a sua fabricação.

Diante desse contexto, faço nas próximas seções um relato, a partir das narrativas contadas dentro da minha comunidade, do processo de fiação de algodão. Para isso, conversei com pessoas do meu povo que são nossas fontes de conhecimento. Ao contrário da visão ocidental, o conhecimento na nossa comunidade não possui um dono, mas é passado de geração em geração, por isso o conhecimento é construído de forma coletiva. Assim, compreendo que:

> "Do ponto de vista waura, as características essenciais de uma cultura não são sua tecnologia material, inovações sociais recentes ou modismos passageiros, mas as tradições e a herança de conhecimentos e valores morais testados ao longo do tempo." (IRELAND, 2001, p. 253).

A FIAÇÃO DE ALGODÃO NA CULTURA WAUJA

A fiação de algodão é muito importante para a cultura wauja, sendo uma prática considerada parte da cultura étnica xinguana. Hoje, todos povos Wauja entendem, valorizam e reconhecem a arte de fiação de algodão como

tradição. Todos esses povos praticam e aprendem com as pessoas que conhecem essa cultura que surgiu a partir dos nossos antepassados wauja.

Na cultura wauja, os homens preparavam a roça para plantar o algodão para que assim suas esposas pudessem produzir o fio de algodão para confeccionar seus materiais que eram utilizados nas suas atividades. Somente as mulheres tinham a responsabilidade no processo de produção desse material, ou seja, apenas as mulheres tinham que fazê-lo para produzir enfeites, materiais utilizados na festa cultural e na dança, para embelezar as pessoas no momento de ritos e danças culturais.

Com o passar do tempo, a forma de utilizar e preparar essa arte de fiação de algodão foi paralisada, tanto no preparo do processo de fiação como na prática de uso desse material na festa cultural do povo Wauja. Atualmente, a sociedade Wauja faz e usa os barbantes e as linhas da marca Clea para a produção de seus enfeites e na fabricação de utensílios. Isso acontece devido ao contato com materiais produzidas pelos não indígenas, como barbantes, lã, linha Clea. Esses enfeites são usados para que as pessoas fiquem bem bonitas e coloridas, principalmente nas danças culturais da minha comunidade.

Figuras 1 e 2 – Algodão na comunidade Wauja



Fonte: Yamurikumalu Waura, 2017.

É importante destacar que não é somente utilizado esse fio de algodão no momento da dança e do canto cultural na cerimônia. Todas mulheres confeccionam os seus materiais tradicionais de usos nas atividades. No entanto, tanto os homens como as mulheres podem usar seus materiais na dança cultural, na produção de flechas para caçadas, na fabricação de utensílios, como rede de dormir, as esteiras, os cestos etc.

> "Para os waura, a rede [de dormir tradicional feita de fio de algodão] está entre os itens mais essenciais não só de sua cultura material como também de sua identidade étnica. Em seu idioma, diz-se que até mesmo bebê no útero materno aconchega-se em sua própria rede – a placenta. Se uma mãe quer dar de mamar com calma, sem interrupções, leva o bebê para a rede. O casamento é manifestado publicamente não por qualquer festa formalizada ou celebração, mas pelo silêncio ritual de levar sua própria rede até a casa do cônjuge. [...] a rede serve tanto a solidão quanto a intimidade física: é, também, oportunamente, um conforto portátil. A rede é o refúgio das mulheres waurá durante o parto e o refúgio final de todos, na morte. Marcando o último ato antes do sepultamento, os pranteadores deitam o corpo do morto numa rede, cingindo muito bem as bordas para evitar que o cadáver entre em contato com a terra." (IRELAND, 2001, p. 257-258).

Devido à situação de falta de materiais antes do contato com o não indígena, as mulheres tinham vontade de aprender a fiar algodão e plantar, produzir o fio de algodão, para usar como enfeite e amarrar os seus objetos. Também havia o interesse de mostrar o modo de processar o algodão para os seus filhos e suas filhas, para aprenderem manipular essa matéria-prima e para não perderem a forma de preparar fio de algodão. De certo modo, havia um cuidado para não perder a sua própria cultura wauja.

As mulheres mais jovens também trocam entre si os seus próprios materiais para usar nos seus enfeites na dança cultural, mas não produzem seus enfeites com os materiais que eram fabricados pelo meu povo. Mas, mesmo não sendo comum fabricar esses materiais, a sociedade Wauja entende a história de origem da prática da fiação do algodão, o seu modo de preparo, a sua importância e mantém os valores nas suas memórias, sabendo assim que a arte de fiação de algodão é cheia de importância no universo cultural da comunidade. A comunidade, portanto, é conhecedora da prática de produção de algodão. Em geral, as pessoas mais velhas pedem que as novas gerações wauja pratiquem e aprendam a produzir a arte de fiar algodão.

Por causa do contato e entrada dos objetos na comunidade, algumas pessoas não praticam e não têm interesse em aprender a fabricar o fio de algodão. Segundo os/as conhecedores/as indígenas, a arte de fiar algodão manualmente é uma prática que envolve muito trabalho, por isso o processo é longo. Por essa razão, algumas mulheres falam que preferem usar os barbantes, linha Clea, lã, para fazer os seus bens. No entanto, a comunidade Wauja está preocupada em perder os seus próprios materiais, as suas próprias práticas de arte de fiação de algodão.

Conforme o relato da antropóloga norte-americana Emilienne Ireland (2001, p. 252), a mudança na cultura wauja não vem diretamente de fora, mas é naturalmente renovada pela comunidade, tanto nas tradições culturais quanto nas línguas maternas. Devido a isso, a sociedade Wauja acaba deixando e armazenando algumas práticas de costumes e ao mesmo tempo adquirindo, enriquecendo e substituindo os seus próprios materiais tradicionais com as ferramentas de não indígenas. Não quer dizer que nós indígenas estamos esquecendo e deixando de utilizar os nossos objetos tradicionais, pelo contrário, essas ferramentas que estão entrando na comunidade, estão facilitando e melhorando as condições desse grupo nas suas atividades pessoais e coletivas.

As pessoas mais velhas falam que fio de algodão é o principal material e serve para todos na confecção de ferramentas na comunidade. Então, hoje, os jovens sabem que esse material tem valor na tradição wauja e consideram que é bom aprender a praticar e entender a importância desse material na nossa cultura. As pessoas com quem conversei disseram que praticar e usar esse material na festa cultural é uma forma de ganhar a boa educação do seu povo. Elas consideram que para que os jovens aprendam a cultura de fabricar algodão e entrar no mundo wauja, é necessário aprender e seguir o seu costume cultural wauja. Nesse sentido, a arte de fiação de algodão é boa para todos jovens, que poderá ser de fato realizada se eles/as praticarem essa arte, construindo materiais, por exemplo, na comunidade. Por isso, a comunidade acredita que aprender a cultura do seu povo é importante para educar as próximas gerações do povo Wauja. Sendo assim, as pessoas mais velhas dizem que a melhor ferramenta para exercitar essa prática é produzir os conhecimentos que ela envolve, utilizando ao mesmo tempo a dança e pensar sobre a boa educação. Assim as pessoas manterão as formas de produção dessa arte, assim como a habilidade na confecção dos materiais, adquirindo, consequentemente, uma boa educação.

Figura 3 - Mulheres praticam a arte da fiação de algodão



Fonte: Extraído de vídeo produzido por Emilleene Ireland juntamente com Akãitsarí Waura e Rita Waura, 2018.

PRODUÇÃO DE ALGODÃO NA CULTURA WAUJA

O processo de produção da fiação do algodão na cultura do povo Wauja envolve muitas etapas que são explicadas a partir da tradição oral do povo Wauja, sendo que cada uma delas envolve uma maneira de fabricação ancestral que tem sua importância. Primeiro, os homens wauja fazem a roça no mês de março ou abril. Depois limpam o local, derrubam as árvores e deixam as roças secarem até o mês de agosto. No mês de agosto, eles queimam as roças e, em seguida, nos meses de setembro e outubro começam a plantar a semente do algodão. Então, eles deixam e aguardam o crescimento da planta e o amadurecimento dos frutos. No mês de junho, julho ou agosto, os frutos se abrem, etapa em que estão prontos para serem colhidos.

Depois dessa preparação, a mulher começa a colher o algodão do pé, coloca-o no cesto e depois o leva para casa, onde é guardado em locais apropriados para que as crianças não mexam no algodão. Alguns dias depois, a mulher começa a fiação do algodão, que será usado para confeccionar as coisas que ela precisa, tanto para o seu próprio uso como para o de sua família.

Primeiramente, ela procura um espaço adequado para se sentar e trabalhar em casa, ou na porta da casa para tomar o sopro do vento. Pega os seus materiais: a argila branca, fuso de fiar, pedaço de flecha, cesto, tapete tradicional ou banco específico para sentar-se. Em seguida, ela inicia o seu trabalho. Limpa e tira as sementes, estica as fibras em forma de disco, depois pega pedaço de flecha, enrola o algodão e começa a bater na palma da mão esquerda ao mesmo tempo em que o estica. Deixa-o no cesto até acabar essa parte, em seguida pega o fuso de fiar e o algodão preparado, molha a ponta do fuso de fiar com um pouquinho da saliva para 'pegar' o algodão facilmente e logo gira fuso de fiar com os dedos da mão e começa a produzir a fiação do algodão até terminar o fio. Após a produção, o fio é utilizado nos enfeites, tecelagens e utensílios, por exemplo: rede de dormir, flecha, enfeite para dança cerimonial, pente tradicional, esteira, cesto etc.

Figura 4 - Homem da comunidade Wauja fazendo uso de barbante para confeccionar materiais



Fonte: Yamurikumalu Waura, 2017.

A fiação do algodão está relacionada a ambos os gêneros: o preparo da roça é trabalho do homem, mas após o plantio a produção é tarefa feminina. Desde os tempos imemoriais, os Wauja plantam o algodão, é um bem da comunidade. É com esse fio de algodão natural que as mulheres wauja tecem e produzem suas redes de dormir, seus enfeites corporais usados nas danças cerimoniais, tecem esteiras e utilizam-no como fibra de amarração na confecção de ferramentas tradicionais, sendo de grande utilidade na comunidade durante as festas e cerimonias.

Quando estão passando pelo período de reclusão, momento em que estão aprendendo, os rapazes e as moças do povo Wauja amarram o fio de algodão nos braços e pernas para que fiquem grossos e fortes. Isso acontece no período das reclusões, durante um ano ou dois anos, período delimitado para que os/as jovens fiquem fortes e para aprenderem sobre as nossas ciências, ou seja, recebem a educação e o aprendizado sobre as práticas culturais de fabricação de objetos. Nesse período, os seus pais e as suas mães aconselham, orientam, dando ensinamento para as suas filhas e seus filhos.

Nesse sentido, na relação entre objetos e pessoas, como aponta Ana Gabriela Morim de Lima (2013, p. 192):

> "[A] ação ritual é orientada fundamentalmente para a fabricação dos corpos de pessoas humanas, a noção de artefato se estende a construção das pessoas, assim como esta informa a concepção de objetos. Pessoas e objetos são, sobretudo, a materialização de um conhecimento incorporado, sendo o corpo um modelo da relação com outro."

Eduardo Viveiros de Castro (1979) também contribui para a explicação sobre o que é a reclusão para os povos do Xingu:

> "[...] Toda reclusão é sempre concebida, para os Yawalapiti, como uma mudança substantiva do corpo. Fica-se recluso, dizem, para "trocar corpo", "mudar o corpo". Não apenas para isso, é certo: para formar, também, ou reformar, a personalidade ideal-adulta, sobretudo no caso da reclusão pubertária, a mais importante.
> O complexo da reclusão é, na verdade, um aparelho de construção da pessoa xinguana: é através dele que os papéis sociais são assumidos. Portanto, que o idioma da reclusão seja sobretudo um idioma da corporalidade, isso nos indica o papel central que a imagem do corpo desempenha na elaboração da persona xinguara. " (VIVEIROS DE CASTRO, 1979, p. 44).

O plantio e a fiação do algodão estão diretamente relacionados a uma ferramenta utilizada para fiar, o *Kuwapixato*. Este instrumento é considerado por nossas tataravós um artefato de grande valor na produção do fio de *Ayupe*, ele também é extremante importante durante um momento crucial na vida da mulher wauja: a primeira menstruação das jovens. As jovens wauja usam esse material para esfregar nos seus corpos, coçando-o, literalmente, para não terem manchas no corpo, utilizando sempre o *kuwapixato* para essa função quando precisam. Para elas, isso

mantém o seu corpo mais bonito, ajudando a não ter manchas pelo corpo durante a vida na reclusão e na vida adulta. Ao mesmo tempo, essa ação mostra para a comunidade que ela seguiu as regras e entendeu o conselho da família, demonstrando que realmente é uma menina com boa educação. Para as outras meninas mais jovens, isso mostra que ela conseguiu ganhar o corpo certo, servindo como exemplo para que elas também sigam o mesmo caminho, quando crescerem e menstruarem, nos primeiros dias da puberdade e adolescência.

O *Kuwapixato* também está presente em outra cerimônia: a morte na comunidade. Quando uma mulher adoece e falece, se tiver o *kuwapixato*, as famílias decidem colocar esse material junto com a mulher falecida na hora de seu sepultamento, para que alma dela utilize esse artefato em sua defesa pessoal, como proteção no outro mundo (céu). Segundo a ciência do povo Wauja, acredita-se que as pessoas morrem fisicamente, mas sua alma não morre, continua viva. Ela não fica na terra, vai embora ao céu, lá ela encontra uma aldeia muito bonita, bem como uma linda paisagem. Então, quando ocorre um eclipse, lunar ou solar, o povo Wauja crê que a alma das pessoas mortas entra em conflito com seres monstruosos e maléficos que vivem no céu.

Durante esses fenômenos (eclipses), os monstros podem matar as pessoas falecidas para comerem. No momento da briga, as mulheres wauja falecidas irão utilizar esse artefato, o *Kuwapixato*, para se protegerem durante as batalhas. Quando o eclipse passa e as brigas terminam, a vida das pessoas mortas volta ao normal, elas podem então ficar felizes entre si novamente, vivendo por mais tempo no céu com outros parentes falecidos. Por isso, o *Kuwapixato* é tão importante para o povo Wauja.

Atualmente, a comunidade Wauja quase não utiliza o *kuwapixato* devido à falta de material (*Ayupe*) e ao desinteresse dos jovens que não praticam mais essa atividade adquirida de seus ancestrais, tornando-se quase que totalmente esquecida em nossa cultura. As pessoas não falam mais sobre esse material, apenas os mais velhos se preocupam com o desaparecimento do uso desse objeto tão importante em nossa tradição cultural. Somente nossos anciões e anciãs entendem a importância do *kuwapixato*, conservando o conhecimento e a técnica de produção do artefato e da tecelagem do fio de *Ayupe*. Guardam, também, as técnicas de produção dos enfeites e adornos produzidos com o fio de *Ayupe*, usados nos rituais e cerimônias, bem como de outros elementos de uso cotidiano (redes, esteiras etc.), que empregam o fio.

Dessa maneira, podemos dizer que os jovens wauja não sabem mais confeccionar o *kuwapixato,* em processar o *Ayupe* natural para produzir o fio em nossa cultura, não conseguem mais exercer tais atividades quando suas famílias pedem para tecer o algodão e fazer os enfeites tradicionais. Grande parte do abandono das técnicas e práticas ligadas ao *kuwapixato* e o *Ayupe* se deve à entrada de material não indígena na comunidade Wauja. Hoje em dia, de modo geral, os mais jovens usam barbantes do não indígena nos seus enfeites corporais quando dançam nas festas e cerimonias, não utilizando o *Ayupe* fiado de modo tradicional pelo povo

Wauja. As pessoas mais jovens, portanto, usam os barbantes, linha Clea, linha de costura para fazer os seus materiais, como a sua flecha, cesto, rede de dormir, cocar, esteira, enfeite para dançar, assim como em outros trabalhos. Tendo em vista a importância dessa prática, este relato faz parte do início da minha pesquisa de mestrado e é importante para que a arte da fiação do algodão seja conhecida pelos não indígenas e para que minha comunidade, a partir da minha contribuição, possa manter viva essa arte.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao relatar algumas informações sobre a prática de fiação do algodão na minha comunidade, o conhecimento wauja como patrimônio cultural vivo é registrado. Por isso, a pesquisa, que ainda está em processo de produção, é importante para minha comunidade. O registro de arte de fiação de algodão wauja vai servir também como uma das formas de transmissão do conhecimento para a futura geração wauja. Isso é importante para que ela entenda a importância de fabricação e de uso material na sua cultura, para que as novas gerações aprendam as culturas das suas famílias e continuem a praticar o modo de preparo da arte da fiação do algodão, assim como para conhecer as histórias da origem dos objetos culturais. Nesse sentido, minha pesquisa é importante porque reconhece a cultura dos meus ancestrais como a identidade do nosso povo, reconhecendo, ainda, como a arte da preparação do algodão envolve várias práticas culturais do povo Wauja.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DOLLIS, Nelly Barbosa Duarte. *Nokẽ Mevi Revõsho Shovima Awe: o que é transformado pelas pontas das nossas mãos*. O trabalho manual dos Marubo do Rio Curuçá. 2017. 142 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL (ISA). *Almanaque Socioambiental Parque Indígena do Xingu*: 50 anos. São Paulo: Instituto Socioambiental, 2011.

IRELAND, Emilienne. Noções waurá de humanidade e identidade cultural. In: FRANCHETTO, B.; HECKENBERGER, M. (Orgs.) *Os povos do Alto Xingu*: história e cultura. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2001. p. 249-286.

LIMA, Ana Gabriela Morim de. *"Brotou batata para mim": cultivo, gênero e ritual entre os krahô* (TO, Brasil) 2016. 456 f. Tese (Doutorado em Antropologia) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro 2016.

LIMA, Ana Gabriela Morim de. Uma biografia do Kàjre, a machadinha Krahô. Capítulo 7. In: GONÇALVES, José Reginaldo Santos; GUIMARÃES, Roberta Sampaio; BITAR, Nina Pinheiro (Orgs.). *A alma das coisas*. Patrimônios, Materialidade e Ressonância. Mauad X, FAPERJ: Rio de Janeiro, 2013. p. 185-210.

SANTOS, Lucas Keese dos. *A esquiva do xondaro: movimento e ação política entre os Guarani Mbya*. 2017. 310 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. *A fabricação do corpo na sociedade xinguana.* Boletim do Museu Nacional, Série Antropologia, n. 32, 1979.

WAURA, Autaki. *Wauja O̱ Gana, O̱ Ganala – arte gráfica e pintura corporal do povo Wauja.* 2018. Projeto extraescolar (Licenciatura em Educação Intercultural) – Núcleo Takinahakỹ de Formação Superior Indígena, Universidade Federal de Goiás, Goiânia/Aldeia Ulupuwene, Mato Grosso, 2018.